

Aspectos da morfologia derivacional do português paulista do século XIX

Marymarcia Guedes

UNESP/Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara, São Paulo – BRASIL

Esse ensaio tem por objeto a descrição da evolução histórica de processos derivacionais do Português Brasileiro do século XIX, além de verificar se:

1. Seria possível observar diferenças de produtividade nos processos de formação de palavras na língua portuguesa do Brasil no século XIX em relação ao que ocorre na atualidade?
2. Que fatores explicariam as possíveis variações morfológicas?

O trabalho está dividido em duas partes: na primeira faço apontamentos sobre o Estado de São Paulo e sobre a Língua Portuguesa no Brasil no século XIX; na segunda apresento o levantamento e uma breve análise de alguns sufixos derivacionais daquele século.

1. São Paulo e a Língua Portuguesa no Brasil no século XIX

O esgotamento das minas de ouro, em Minas Gerais a partir de 1770, fez surgir um refluxo migratório para o interior paulista, gerando neste a concentração e constituição de capitais sob a forma de escravos e gado.

Os solos ricos da região, especialmente em terras roxas, servem de base a uma lavoura canavieira de grande porte e posteriormente, com a introdução do café, surgem as cidades do ‘Velho Oeste paulista’ ou ‘Oeste Paulista Histórico’ que, segundo Bacellar (1997), compreendia as vilas que se originaram de duas localidades criadas ainda no século XVII: Itu (1654) e Jundiá (1655). Como consequência da primeira nasceram: Porto Feliz (1797), Piracicaba (1823), Capivari (1832), Araraquara (1832) e Tietê (1842); e de Jundiá as vilas de Moji-Mirim (1769), Campinas (1797), Franca (1842) e Rio Claro (1845).

É possível afirmar que o café foi responsável por todo o progresso ocorrido no país no final do Império e por toda a República Velha, fazendo surgir uma nova classe social formada por fazendeiros denominados *Barões do Café*. É ainda o café que contribui para a acumulação de capital que, com o advento da crise agrícola e a escassez de divisas por ela provocada, faz São Paulo, no final do século XIX e começo do século XX, voltar-se cada vez mais para as cidades, intensificando seu processo de industrialização.

Os acontecimentos de ordem econômica, como o crescimento vertiginoso da população da Província, via a migração e a imigração, tanto nas localidades voltadas para as atividades agrícolas como também na capital propiciaram a São Paulo uma situação socialmente diferenciada e a segunda metade do século XIX assiste ao avanço do movimento abolicionista e à política de incentivo à imigração.

A nova realidade que se instaura em solo paulista, somadas às idéias liberais já existentes nos cidadãos da terra acarretam outras transformações: são fundados jornais, associações recreativas, teatros e a educação (antes ao cuidado de alguns professores, que improvisavam escolas em suas próprias casas) institucionaliza-se com a criação de colégios públicos e privados para atender tanto os jovens do sexo masculino como do feminino.

Conforme Pinto (1986), até meados do século XIX, a Língua Portuguesa no Brasil, na modalidade escrita, está atrelada à de Portugal. A partir de então documentam-se as tentativas de estabelecer padrões próprios que acabariam por fixar-se: os textos de escritores brasileiros deixam entrever traços da oralidade (fazem uso dos diferentes falares regionais tanto rural quanto urbano); aparecem os indianismos; há alterações sintáticas etc.

Segundo Martins (1988) ocorre, sobretudo na segunda metade daquele século, o aumento considerável do número de gramáticas autóctones da língua portuguesa empenhadas em manter a tradição clássica lusitana. Entretanto, as atividades literárias se expandem e nelas surgem vocábulos advindos de latinismos, arcaísmos, tupinismos, neologismos, estrangeirismos e regionalismos. É, nesse período que aparecem, por exemplo, derivados como *tristor*, *grandor*, *gramatiqueiro*, *presidênciavel*, *desadministração*, *desinveja*, *imatureza*.

2. Levantamento das fontes lingüísticas da pesquisa e Análise dos dados

O *corpus* (anúncios) foi obtido, em jornais do século XIX tanto da capital quanto do interior do Estado de São Paulo e estão publicados juntamente com outros no livro intitulado **E os preços eram commodos... Anúncios de Jornais Brasileiros – Século XIX**. GUEDES & BERLINCK (2000).

Os periódicos paulistas consultados foram os seguintes: **São Paulo** (capital do Estado): O Farol Paulistano (FP) 1828, 1829, 1830, 1831; A Phenix (PH) 1841; O Constitucional (CT) 1853, 1854 e um sem data; Diário Popular (DP) 1879, 1884; Correio Paulistano (CP) 1879, 1887, 1889; A Constituinte (CI) 1870, 1879, 1880; num sub-total de 401 anúncios. Do interior: **Araraquara** – A Notícia (NT) 1889, 1896, 1898, 1899; Município de Araraquara (MA) 1884; **Campinas** – Gazeta de Campinas (GC) 1870, 1872; A Mocidade (MO) 1874, 1875; A Actualidade (AT) 1875; Diário de Campinas. Folha Popular (DC) 1888; Cidade de Campinas (CC) 1896, 1897; **Jauú** – Correio do Jahu (CJ) 1897; **Piracicaba** – Gazeta de Piracicaba (GP) 1882, 1883; **Ribeirão Preto** – O Reporter (RP), 1899, num sub-total de 388; perfazendo-se um total geral de 789 anúncios.

A análise e a interpretação dos dados coletados nos anúncios jornalísticos do século XIX foram subsidiadas por análises realizadas por outros pesquisadores em material indêntico para o século XX também no Estado de São Paulo.

|-ção/-ções| ∞ |-mento(s)|

Nos dados do século XIX |-ção| ocorre 365 vezes e seu plural |-ções| tem 126 ocorrências; |-mento| e |-mentos| ocorrem 46 e 19 vezes, respectivamente. Por exemplo:

1. Sala de expedição e **recepção** de malas, 20 de Outubro de 1879. (CI)
2. o **recebimento** de propostas. (GC)
3. em vista das dificuldades que tenho luctado para com os meus **recebimentos** (NT)
4. para **recebimento** e venda de café. (NT)

Basílio (1989) ao examinar, no Português brasileiro atual, as ocorrências de *recebimento* / *recepção*, diz que temos aqui duas formas nominalizadas do verbo *receber*, sendo que uma é de formação mais antiga – provavelmente latina –, como se pode observar pela alteração do radical (queda da vogal temática, transformação do *b* em *p*), e a outra formada de acordo com padrões gerais vigentes em português. Estas duas formas exemplificam a questão do uso. Ou seja, teoricamente poderíamos ter apenas uma forma nominalizada para o verbo *receber*; ou qualquer uma das formas poderia apresentar qualquer um dos significados gerais possíveis com este verbo. No entanto, verificamos que certos significados são expressos com uma das formas, outros com a outra. Assim, *recepção* refere-se a [+ humano] enquanto *recebimento* significando 'receber dinheiro, propostas, malas etc', caracteriza-se pelo traço [- humano].

Nos dados jornalísticos do século XIX, diferentemente do descrito por Basílio para o século XX, observei que *recepção* e *recebimento* eram alomorfes empregados para [- humano].

Aparentemente é no século XX que acontecem a variação e mudança, nos termos da Teoria da Variação e Mudança (Labov/ Weinreich/ Herzog, 1968), no emprego destes sufixos. Pode ter havido a especialização, ao menos destes termos, por questões sociais e/ou históricas.

|-mente|

Atualmente e de acordo com os gramáticos da língua portuguesa, incluindo-se aí SANDMANN (1991, a), o sufixo |-mente| é o único a unir-se a uma base adjetiva, transformando-a de gênero masculino para o feminino para formar advérbios de modo; devendo-se atribuir à própria história da formação da língua portuguesa esse fenômeno, visto que assim também já acontecia no latim.

CAMARGO (1986), por sua vez, diz que todos os advérbios em |-mente| evidenciam o modo de ser subjetivo como o falante focaliza a enunciação ou o enunciado no tempo ou no espaço, ou independentemente do tempo e do espaço.

Por Exemplo: a) Maria viaja *semanalmente*. (de modo freqüente no tempo); b) *Antigamente* ele morava aqui. (de modo passado no tempo); c) Falou *primeiramente* sobre política. (de modo ordenado no tempo). Segundo a autora que este sufixo é responsável pela reinserção de bases lexicais adjetivas que figuram na variável da função heterossintagmática.

Costa (1992) reitera as posições descritas acima, acrescentando que *|-mente|* ainda apresenta uma interação diferente dos demais sufixos derivacionais no que se refere à flexão: as bases adjetivas, antes de receberem o sufixo fazem a flexão de gênero; somando-se a isso a possibilidade de se admitir a junção do sufixo a outras bases para formar advérbios, como por exemplo os verbos: *englobadamente* = englobar (verbo) + *|-mente|*.

Observando-se os dados do século XIX, constatei que o sufixo para formar advérbios que mais ocorre também é *|-mente|* (no Estado de São Paulo são 136 ocorrências) e, além disso, esse sufixo, naquele século, adjunge-se a mais duas outras classes gramaticais: substantivo: *boccaimente* e com advérbios: *empreterivelmente* e *inclusivamente*. Por exemplo:

1. dos Psalmos de David desde o 51 até o 100 **inclusivamente**. (CO)
2. Gratifica-se muito generosamente a quem der noticias certas, **boccaimente** ou por escripto.(GC)
3. escandelizem, pois que passado o dia 15 e não comparecendo os vai chamar a juizo **empreterivelmente**.(PH)

A hipótese que levanto aqui é a de que houve também variação e mudança, da situação observada no século XIX para o século XX. Aparentemente as ocorrências do século XIX caracterizam uma inovação da língua se comparada à rigidez da formação de advérbios apontada pelos gramáticos para o século XX.

Para SANDMANN (1991, b), dentre os sufixos menos produtivos no século XX encontra-se *|-eza|*. Nos anúncios de jornais por ele analisados, o sufixo ocorreu apenas uma vez: 'a moreneza do socialismo de Brizola'. O fato desse sufixo ter entrado no Português através do Latim Vulgar é a hipótese do autor para a sua não-produtividade.

No século XIX, as formas, *barateza* e *baratíssimo* são co-ocorrentes e permitem o estabelecimento de uma gradação ou, nas palavras de CÂMARA Jr. (1972), indicam por meio de *morfemas adicionais o alto grau da qualidade que expressam*.

Assim:

	Normal	Superlativo
Barato	+	-
Barateza	-	-
Baratíssimo	-	+

Entretanto o que se observa é que o sufixo *|-eza|* (com 55 ocorrências) muda a classe gramatical da base a que se agrega não ocorrendo o mesmo quando se adjunge o sufixo *|-íssimo|* (com 47 ocorrências). Por exemplo:

1. faz-se com promptidão, solidez e **barateza** (NT)
2. e da **barateza** de seus preços. (GC)
3. Desconfião da **barateza** do Gaucho (MO)
4. a servir bem os seus freguezes em boas obras e em **barateza** (CP)
5. pelo preço **baratíssimo** de 6\$000 a duzia (MO)
6. que vende a preços **baratíssimos** (NT)
7. vende por preços **baratíssimos** os seus artefactos. (CP)

Assim:

barato (Adj.)	baratíssimo (Adj.)
barato (Adj.)	barateza (N)

A forma *barateza* utilizada no Português brasileiro do século XIX e em desuso a partir do século XX permite observar que há mudanças de função sintática e semântica em relação à forma-base e, que sobretudo procede o argumento de que os sufixos apreciativos e avaliativos apresentam duas realidades distintas: aqueles que não mudam de classe gramatical (diminutivos e aumentativos nas suas formas sintéticas) e aqueles que mudam a classe gramatical da base a que se agregam, não justificando o tratamento dado aos sufixos apreciativos e avaliativos encontrados na literatura até o momento.

Cabe observar ainda que *|-eza|* era utilizado no século XIX no Português brasileiro e que não é o fato desse sufixo ser proveniente do Latim Vulgar como afirma Sandmann (op. cit.) que propiciou seu desaparecimento, mas sim que fatores extra-lingüísticos contribuíram para a sua não utilização no correr do século XX.

Observe-se os exemplos abaixo:

1. Peças d'**algodãozinho** a 800 réis. (GC)
2. Arrematação da **cazinha** sita á rua | Episcopal, pertencente á herança (CP)
3. é d'um valor **importantíssimo** (NT)
4. tem **enormíssimo** e completo sortimento. (CC)
5. e de gosto **apuradíssimo** (DC)
6. É um tonico **poderosíssimo** (DC)

Os sufixos diminutivos e os aumentativos transmitem conteúdos nocionais, sendo o referente o mesmo da base léxica. No que tange ao número de dados no corpus, foram coletadas 47 ocorrências com referência a *|-íssimo(a) (s)|* e em relação aos diminutivos em *|-inh-(o)(a)(s)|* 8 ocorrências foram registradas.

Se no século XX são numerosas as ocorrências dos sufixos diminutivos como aponta SANDMANN (1991, a), o mesmo não ocorre no século XIX nos jornais analisados conforme pode demonstrar aqui.

Segundo Costa (1992), o sufixo de diminutivo apresenta duas formas alternantes: $[-inho]$ e $[-zinho]$. A segunda forma ocorre em palavras formadas a partir de bases terminadas em vogais tônicas, consoantes e ditongos. As bases terminadas em vogal átona em geral formam diminutivos com $[-inho]$.

De acordo com a autora, durante a produção do discurso, além de lançar mão dos itens prontos, os falantes produzem novas palavras a partir de regras de formação que fazem parte de sua competência lexical. No caso das formações de diminutivos, os falantes dispõem de itens lexicais com uma distribuição regular das formas $[-inho]$ e $[-zinho]$ a partir das propriedades fonológicas da última sílaba da base. Isso não os impede, entretanto, de aplicar uma regra de formação de palavras que amplia o contexto de uso da forma $[-zinho]$.

Ecoando SANDMANN (1991,a), Costa diz que a formação de itens lexicais mediante o acréscimo do sufixo de diminutivo é muito produtiva. Conseqüentemente, o processo morfofonológico relacionado à formação de diminutivos também é bastante produtivo. Sua regularidade é grande, mas não se tem um processo totalmente regular, dada a variação que se tem entre a forma iniciada por vogal e a que tem a consoante.

O que aparentemente ocorreu, mais uma vez, foi a criação e expansão de itens lexicais a partir do século XX. Essa mudança também pode ter ocorrido devido a transformações sociais e históricas.

$[-ado(a)(s)]$

MONTEIRO (1991) diz que as formas $[-ad-(o)(a)]$ são de alta produtividade e significação variadas: tempo, duração (*reinado*); lugar (*noviciado*); território administrativo (*condado*); estado (*casada*); posse, pertinência (*barbado*); semelhança (*amarelado*).

Nos dados coletados do século XIX observei que $[-ad-(o)(a)(s)]$ ocorre na formação de adjetivos, verbos e substantivos:

1. os preços de assucar **refinado** e **crystalizado** (NT)
2. uma carta em que dá o número do bilhete **premiado**. (NT)
3. mais **aprimorado** gosto (GC)
4. bem **encarado**, pouca barba (GC)
5. magro, falla **desimbaraçado** (GC)
6. sendo **esmalutados** de preto (GC)
7. reduzir preços já **moderados** das fazendas (MO)

Estas ocorrências coadunam-se com as descrições propostas por SANDMANN (1991, a), BASÍLIO (1991) e CAMARGO (1986) para o século XX.

|-eiro| -|-ense|

Ao tratar desses sufixos SANDMANN (1991, a) afirma que eles têm funções muito variadas como por exemplo indicar profissão, substantivos pátrios, dentre outras. Para o autor, o sufixo |-ense| é utilizado para a formação de substantivos pátrios: são-joanense, por exemplo.

Nos dados do século XIX observa-se que |-eiro| e |-ense| eram alomorfes como mostram os exemplos: campineiro, itatibense, lisbonense. Por exemplo:

1. A casa pertence a um **Campineiro**. (GC)
2. **Itatibense** e Ramal Ferro **Campineiro**. (NT)
3. com o respeitavel publico **Campinense** (GC)
4. Relojoaria do Regulador **Campinense**. (MO)
5. Nova officina de barbeiro e cabelleireiro **Lisbonense** (GC)

3. Observações finais

Nessa análise preliminar, não foi possível distinguir grupos de sufixos que estejam sistematicamente associados a um ou outro comportamento. A investigação aponta para a necessidade de ampliação no volume de dados analisados, assim como a observação do fenômeno em momentos anteriores;

Além disso, a amostra analisada representa apenas um Estado brasileiro. Estudos variacionistas sobre o Português brasileiro têm demonstrado que podem existir diferenças regionais importantes no que se refere aos fenômenos lingüísticos;

Havia sufixos que apresentavam alguma produtividade no século XIX e entraram em desuso no século XX;

Há sufixos que no século XX têm grande produtividade o que não ocorria no século XIX, como por exemplo: |-ada (o) (s)|;

Sufixos que no século XIX estavam em alternância, aparentemente em 'variação livre' e que no século XX especializaram-se e atualmente encontram-se em distribuição complementar;

Tendo em conta as afirmações colhidas em estudos sincrônicos do português, as análises sugerem que é plausível considerar que o século XIX constitui ainda um período de maior liberdade quanto à ocorrência dos sufixos (por exemplo |-eza| e |-mente| frente ao quadro atual);

Por último cabe lembrar que o Brasil e, sobretudo o Estado de São Paulo, recebeu em fins do século XIX e início do XX imigrantes europeus vindos das mais diferentes regiões da Europa e essas imigrações possivelmente propiciaram transformações sociolingüísticas e lingüísticas em um espaço de tempo relativamente curto.

4. Referências Bibliográficas

- BACELLAR, C. A. P. *Os senhores da terra. Coleção Campiniana*. CMU. Vol. 13. Unicamp. Campinas, SP. 1997.
- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. Ed. Ática. São Paulo, SP. 1989.
- CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Ed. Vozes Ltda. Petrópolis, R.J. 1972.
- CAMARGO, C. O. *Morfologia Derivacional: o sistema de sufixos em Português*. Tese de Livre-Docência. UNESP – FCL/CAr. Araraquara, SP. 1986.
- COSTA, I. B. *Processos Morfofonológicos na Morfologia Derivacional: 135 – 147*, in Rodolfo Ilari (org.) *Gramática do Português Falado*. Vol. II: Níveis de Análise Linguística. Editora da UNICAMP. Campinas. SP. 1992.
- GUEDES, M. & R. de A. BERLINCK (orgs.) *E os preços eram commodos... Anúncios de Jornais Brasileiros – Século XIX. Série Diachronica*. Vol. 2. Publicações FFLCH/USP. Ed. Humanitas. São Paulo, SP. 2000.
- MARTINS, N. S. *História da Língua Portuguesa. Série Fundamentos*. Vol. 5 século XIX. Ed. Ática. São Paulo, SP. 1988.
- MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. Editora Pontes. Campinas, SP. 1991.
- PINTO, E. P. *O Português do Brasil. Textos críticos e teóricos. 1820/1920, fontes para a teoria e a história*. EDUSP. São Paulo, SP. 1978.
- SANDMANN, A.J. (a) *Morfologia Geral*. Ed. Contexto. São Paulo, SP. 1991.
- (b) *Competência Lexical – produtividade, restrições e bloqueio*. Ed. UFPR. Curitiba, Pr. 1991.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Empirical foundations for a theory of language change*, in W. Lehmann & Malkiel (eds.), *Directions for Historical Linguistics*. University of Texas Press. Austin. USA. 1968.